

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
A UTILIZAÇÃO MORFOLÓGICA
DO FALANTE-ESCRITOR AUTÓCTONE

Marcos Candido da Silva (UERJ)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mais importante não é saber classificar uma estrutura da língua portuguesa; antes de tudo, o falante deve demonstrar proficiência em saber formá-la, empregando-a adequadamente, vindo a desenvolver sua competência linguística, como afirma Carvalho (1987).

Nosso compromisso acadêmico de contribuir com a melhoria da qualidade das aulas de português em prol da formação do discente linguisticamente competente, mas também cidadão consciente leva-nos a avaliar desfavoravelmente métodos de ensino que recorrem somente ao entendimento da terminologia prescrita pela gramática normativa (mesmo que a intenção deste autor não seja refutar a contribuição da gramática normativa).

Acreditamos no ensino de morfologia pela potencialidade do léxico - cujo principal objetivo seja o desenvolvimento da produção linguística discente - discutindo as formações morfológicas pelo funcionamento da língua. Cremos que este modo de ensino pode despertar o interesse do aluno para o estudo gramatical.

Muito se tem discutido nos locais de ensino onde lecionamos sobre o desinteresse do alunado em ler e sobre a sua falta de habilidade em produzir textos. Temos ciência de que a responsabilidade pelo interesse do aluno nesse ou naquele ponto trabalhado pela escola é também da família e dos demais membros da comunidade escolar, mas devemos tentar contribuir com a nossa pesquisa para tentar minimizar ou re-

solver o problema ainda que a responsabilidade não seja inteiramente nossa.

Sabe-se que todo professor (independente do componente curricular) trabalha seu conteúdo partindo do conhecimento de leitura e escrita do alunado. Não existe deslocamento do aluno para nenhum espaço escolar ou nível de escolaridade - passada a fase de aquisição de leitura e escrita - com a finalidade de reparar a deficiência de uma ou de ambas as aquisições a que nos referimos que não seja no horário escolar.

Nossa preocupação, além de ser pertinente, também possibilita ampliar as outras competências dos alunos: pois a proficiência em leitura e escrita os conduzirá a uma melhora de rendimento escolar, considerando que serão avaliados lendo as questões da prova e escrevendo as respostas para essas questões.

Compreendemos que abandonar uma prática que está sendo aplicada há bastante tempo não é fácil, porém nos podemos orientar pelo conhecimento que o aluno demonstra ter da língua para, a partir do que o aluno parece conhecer, proporcionar a ele o que não domina: uma prática inversa à utilizada na escola habitualmente.

Entendemos que a metodologia de ensino dos componentes curriculares devem se pautar na reflexão crítica e na percepção dos mecanismos: não por se decorar processos formativos ou o sentido de bases e afixos. Não acreditamos que decorar leve o aluno a verbalizar – por escrito – com desenvoltura seu entendimento acerca dos fatos atuais, pois domínio terminológico não significa conhecimento sobre a situação sócio-política econômica de seu estado ou país. Nossa inquietação está assentada no fato de a redação discente evidenciar a inabilidade verbal escrita decorrente da falta de leitura (cf. Garcia, 2007).

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Talvez poucos profissionais que atuam no 3º ano do Ensino Médio Estadual percebam a ineficácia de se trabalhar somente com teorias, normalizações, paradigmas, principalmente quando esta metodologia não se fundamentada nas orientações atuais para o ensino de língua portuguesa (cf. Oliveira e Schwartzman, 2002).

Percebe-se a supervalorização que alguns profissionais dão à normativa gramatical, utilizando-a tanto para classificar elementos mórficos quanto para cobrar essas classificações como meio de medir a “inteligência” do aluno na prova.

COMBINAÇÃO LEXICAL

As palavras - dentre outras concepções - são representações do mundo exterior, por elas comunicamos o sentido materializado do nosso pensamento, elas integram os textos pelos quais os falantes estabelecem suas interações verbais. As palavras são instrumentos de comunicação organizados em estrutura, providos de sentido, utilizados para rotular objetos, nomear pessoas, eventos, produtos...

A necessidade de nomear contribui tanto para a linguagem técnica ou científica quanto para a linguagem em geral: ambas participam do nosso cotidiano, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, indicando mudanças de padrão comportamental (Carvalho, 1987).

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova, ou seja, tanto muitas palavras tornam-se arcaicas quanto uma grande quantidade de novas unidades lexicais é formada pelos falantes (Alves, 1994).

Existe um processo que recebe nomenclatura vária, cujo mecanismo utilizado implica a utilização de mais de uma palavra na constituição de uma única estrutura para formar um item lexical pelo qual o falante comunica um sentido específi-

co a seu interlocutor. Combinação lexical, amálgama lexical, cruzamento vocabular ou palavra-valise são variações terminológicas usadas para caracterizar o processo de formação de palavra – consistindo na junção de duas bases – sendo a segunda base usada para completar uma parte da primeira.

O referido processo não parece despertar o interesse de alguns teóricos, possivelmente por sua aparente natureza idiossincrática (cf. Azeredo, 2002). Ressaltaremos o que se encontra no material de Azeredo e Bechara.

Amálgama lexical para Azeredo (2002) é um tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevisível dois ou mais lexemas. Faz menção a Sandmann (1997) por entender que o mesmo processo pode-se nomear como cruzamento vocabular. Considera o mecanismo próprio à função poética da linguagem com finalidade expressiva particular e circunstancial. Relacionando o amálgama aos discursos literários, humorístico-satírico e comercial publicitário. Azeredo (2002) apresenta vários exemplos da formação vocabular combinada, dentre as quais destacamos:

HUMORÍSTICO CRIADO POR MILLÔR FERNANDES

velhocidade (velho + velocidade = pressa do ancião)

repugnante (pulga + repugnante = pulga nojenta)

caligrafeia (caligrafia + feia = letra ruim)

anãofabeto (anão + analfabeto = criança que não sabe assinar o nome)

LITERÁRIOS CRIADOS POR GUIMARÃES ROSA

funebrilho (fúnebre + brilho = enfeite de caixão)

copoanheiros (copo + companheiros = companheiro de copo)

embriagatinhava (embriagado + engatinhar = caminhar embriagado)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMERCIAIS

Nescau (Nestlé + cacau = chocolate em pó da marca Nestlé)

Chocolícia (chocolate + delícia = marca de biscoito de chocolate)

showmício (show + comício = campanha eleitoral em espaço público, proporcionando espetáculo musical à plateia)

Bechara (1999) chama combinação o caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação da parte de cada um dos dois termos que entram na formação. O autor considera que o fim formativo do mecanismo é a linguagem jocosa. Apresenta pouquíssimas formações das quais destacando as seguintes:

portunhol (português + espanhol)

sofressor (sofredor + professor)

aborrescente (aborrecer + adolescente)

Creemos que as combinações lexicais ficam à margem por não serem consideradas um processo produtivo (cf. derivação e composição) ainda que seja discutível a noção de produtividade e produção.

A distinção entre condições de produtividade e condições de produção é extremamente relevante para considerarmos que a combinação lexical pode ser analisada com a mesma cientificidade com que tratamos a derivação e a composição.

Sabe-se que a análise morfológica é feita a partir de seu arcabouço teórico. Não podemos considerar a formação de uma nova palavra tomando como base apenas as formações institucionalizadas – mesmo que estas sejam um referencial – seria ignorar a realidade de que a língua evolui: devemos analisar uma nova formação segundo o mecanismo do processo que se nos apresenta.

As condições de produtividade dizem respeito aos fatores internos que atuam na formação de uma nova palavra, como a categoria lexical da base e a possibilidade de função sintática (Rocha, 2003). As condições de produção são analisadas considerando-se o uso de um determinado processo de formação de palavras.

Estabelecida a esfera de competência lexical no conceito de produtividade, este conceito deve ser entendido somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológica-mente possíveis.

Sabe-se que as condições de produtividade de uma regra devem-se distinguir das condições de produção, pois estas dependem de fatores paradigmáticos, pragmático, discursivo... O que nos permitiria escrever outro artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos professores não consideram que todos os alunos que estão na escola leem o que circula em seu mundo com muita espontaneidade e com a confiança de sua experiência só não o fazem dentro da sala de aula quando o docente valoriza mais a nomenclatura que o conteúdo em questão.

Colocando em questão o ensino de morfologia, a discussão acerca do assunto parece permanecer inalterada ainda que as pesquisas sobre o léxico venham recebendo atenção de alguns pesquisadores pelos quais podemos questionar o posicionamento que se adota até então.

Pensamos ser tempo de utilizar os conteúdos linguístico-gramaticais como ferramenta para ampliar o nível de leitura e escrita dos estudantes.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, I. M. *Aspectos da composição nominal em português contemporâneo*. São Paulo: ALFA, 1987.

AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CARVALHO, 1987. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, J. B. A & SCHWARTZMAN, S. A. *A escola vista por dentro*. Belo Horizonte: Alfa, 2002.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SANDMANN, A. J. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: EDUFPR, 1981.

———. *Formação das palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ícone: 1989.

———. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

———. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.